

A REVISTA PHENIX: "LETRAS QUE VIVEM NO TRABALHO E DO TRABALHO"

*Francisco de Assis Santos de Oliveira
Professor do Departamento de História da UFC.*

No ano de 1912, na cidade de Fortaleza, jovens estudantes da Escola Phenix Caixeiral flanavam pela cidade, no tempo livre, em visita às livrarias, tertúlias e cafés, convivendo com colegas do Liceu do Ceará e pré-acadêmicos do Curso de Direito. Houve, também, o convívio com literatos e intelectuais de nome na província, bem como com as leituras na Biblioteca Pública ou na biblioteca da Phenix. Eram jovens letrados, filhos da mentalidade do tempo que impregnou muitos com as idéias em voga nos círculos europeus; espíritos inquietos influenciados pelo ecletismo da época e ansiosos de difusão de seus saberes e práticas de leitura. Eram jovens idealistas se atribuindo missão de fundar nova revista cujo corpo redatorial estivesse sob sua orientação doutrinal e direção da Escola de Comércio Phênix Caxeiral – a *Revista Phênix Caxeiral*.

"Uma Plêiade de Novos."

Neste artigo, a intenção é dar a conhecer as linhas gerais da *Revista Phenix*, quanto às características, conteúdos, o intercâmbio com suas congêneres, inspirações e influências, formas de sustentação, temas, a iconografia e anúncios. Esquadrinhar-se a coleção completa da Revista,

tendo em conta as reflexões metodológicas de estudos da imprensa dos trabalhadores e igual atenção à análise dos periódicos de feição literária e sociorecreativa.

O nome da Revista é retirado da Sociedade e da Escola, ela recupera a vertente literária pelos efeitos simbólicos da águia, - na esperança de alçar vôo. O subtítulo é *Órgam dos Alumnos da Escola de Commercio "Phenix Caixerall"* e, como epígrafe escolhida, não por acaso, o pensamento de Jean-Jacques Rousseau: "*quand mës idées seraient mauvaises, si j'em fais naitre de bonnes à d'autres, je n'aurai pás tout à fait perdu mon temps.*" Tem-se aqui o exercício de tradução e atualização das realidades locais e da influência rousseuniana nos debates sobre a educação. O recurso ao pensamento de Jean-Jacques Rousseau vê-se em muitas publicações desta natureza, e, na Revista Phenix, o efeito simbólico da epígrafe quer demarcar conhecimento do pensamento do filósofo, o que se observa na leitura dos artigos de feição doutrinal. As idéias são tiradas de sua teoria da educação (*Emílio, ou Da Educação, 1762 e A Nova Heloisa, 1761*), com vistas ao entendimento dos postulados programático - pedagógicos.

A Revista Phenix era uma publicação mensal com redação na Praça Marquês do Herval, No. 2, e correspondência no endereço do Palacete da Phenix Caixerall - Ceará ou Caixa do Correio n. 25. O primeiro número foi impresso na oficina de tipografia da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará e as edições seguintes na Typ. "CHANTECLER", a vapor, de PAMPLONA & RIBEIRO, na Rua da Assembléia, n.º. 4. A partir de 1913, passou a ser impressa na Typographia Escolar, na Rua Senna Madureira, No. 113 A; com assinaturas a 2.000rs por trimestre e 4.000rs por semestre. Fará ampliação do corpo redatorial, anuncia-se: Aceita-se colaboração.

Participam do primeiro número:¹ Diretor - João Alencar Araripe; Secretário - Daniel Augusto Lopes; Tesoureiro - Dario Pessoa; Colaboradores - Genuíno de Castro, Miguel Cunha, Gustavo Frota, J. A. Lopes Filho, S. Moreira de Asevêdo, F. Menezes de Mattos, Estevam Mosca e R. Paula Vianna.²

É alentado o grupo redatorial, auxiliado por colaboradores. As funções de diretor de redação, secretaria e tesouraria alternam-se, ao longo da circulação da Revista. Dos nomes registrados diga-se: são jovens estudantes, caixeiros, na maioria, participantes, na década de 1910,

e seguintes, em tentativas editoriais de jornal de pequeno formato e circulação efêmera. Na Revista Phenix, de propósito coletivo na condução, tem destaque José Augusto Filho à frente da empreitada. Depreende-se isso dos artigos que fazem a memória da Revista, como o caso publicado em 1916, recuperando o nome do fundador, como espírito lúcido, moço de ideal, de cultura elevada e arregimentador de uma plêiade de novos. No entanto, o louvor maior da Revista é a João de Alencar Araripe, patrono da publicação, pelo espírito eleito e superiormente evoluído de grande phenixta.

Não foi exatamente em Fevereiro, mas num dos últimos dias de Outubro de 1911, que brilhou no espírito lúcido de José Augusto Lopes Filho, o Juca, o Nolasco de Barros, a idéia de fundar uma revista que fosse o órgão pelo qual os alunos da Escola de Comercio da Phenix Caxeiral, pudessem manifestar o grão de cultura adquiridos nos curtos intervalos de lazer de que a vida do comercio é tão avara, que servisse de incentivo aos retardatários e retraídos, e que infundisse, finalmente, gosto pelas letras aos nossos colegas, sublime recreio nas breves tréguas desta vida prosaica e egoísta. E, dominado por este pensamento obscante, não exitou um só momento diante dos empecilhos que se lhe antepunham na realização do seu ideal.

Deu, pois, o primeiro passo. Tratou de arregimentar os elementos melhores, uma plêiade de novos onde brilhavam numa fantasmagoria de promissora luz. Os talentos de Estevam Mosca, Gustavo Frota, Genufno de Castro, Daniel Lopes, Dário Pessoa, Raymundo de Paula Vianna e outros, e, escolheu, a fim de patrocinar a sua obra, o espírito eleito e superiormente evoluído do grande phenixta, que foi João de Alencar Araripe.³

No período de circulação, a Revista contou com colaboradores permanentes (redatores e constantes do expediente) e eventuais (figuras de destaque no meio social e literário de Fortaleza, a exemplo de Dolor Barreira, Mario Linhares, Irineu Filho, Herman Lima, entre outros)⁴.

Do grupo de colaboradores participam estreatantes, professores e literatos de expressão no seu meio. Alguns colaboradores têm presença constante, como Genufno de Castro, estudante da Escola de Comércio da Fênix Caxeiral, empregado da Casa Tibúrcio Targino. De caixeiro a pequeno comerciante em Aquiraz, Dolor Barreira dá depoimento do tempo de sua amizade com o jovem literato dividindo-se entre livros, revistas e "*garrafas de bebida, latas de doce, barras de sabão e*

outras mercadorias do produto de cuja venda tirava os poucos recursos que lhe garantiam a pouco exigente subsistência". É ainda de Dolor Barreira a informação de que Genuíno de Castro "a princípio escrevia para si e para os seus íntimos, à falta de meios que comunicassem ao grande público as suas emoções de poeta". Sua atividade literária é desde logo acompanhada do espírito gremial, quando com outros, funda a Revista Fortaleza, iniciando a divulgação de seus versos; a revista Jangada e a Ceará Revista, com o rebarbativo Gil Amora. Na revista Fênix é um dos principais redatores tendo escrito em muitas edições. Sobre esse período, Dolor Barreira faz apreciação crítica de seus escritos: "obedecendo a uma inclinação natural e crescente, e a sua poesia se apresentava em forma nítida e correta, se bem que claudicasse às vezes na construção gramatical e na própria técnica do verso Reflexo do seu absoluto menosprezo pelas coisas do mundo..."⁵

A revista Phenix, no quadro geral das publicações do meado do século XIX e primeiras décadas do século XX, segue a orientação das linhas do iluminismo republicano e do seu ideário. Assim, faz exaltação às virtudes da palavra impressa, como nesta tentativa de definição do campo fecundo da imprensa, nas palavras do articulista e fundador da Revista Phenix, José Augusto Lopes, sob o pseudônimo de Nolasco de Barros:

"Sejam as nossas últimas palavras a tradução fiel das nossas alegrias pelo acolhimento com que foi incentivada a aparição da Phenix no cenário deslumbrante e fecundo de imprensa – fonte precípua das maiores conquistas da civilização e manacial caudaloso dos mais altos protestos contra a barbaria universal que tem conduzido a humanidade às lutas temíveis do ódio e das paixões.

Era preciso mesmo que tivéssemos o alento das consolações fraternais para chegarmos ao término final das nossas aspirações que é o desdobramento intelectual do nosso cérebro".⁶

Retire-se das palavras do fundador da Revista o vocabulário central do período, clara repercussão das idéias vindas do século XIX: a imprensa como farol, marco civilizatório, expressão da objetividade filha da razão. Em suma, a imprensa vista como arma potente de compreensão da encruzilhada do tempo: *Civilização ou Barbárie*.

“Da métrica do balcão à métrica dos versos”

À vista da afirmação de que às letras, consagram unicamente, as horas curtas e escassas dos seus lazes, os redatores da Revista Phenix, nos primeiros números, chamam a atenção do público leitor para o programa, qualificado de modesto e desprezioso como deveriam ser o de uma Revista meramente escolar. Num artifício retórico, o tom de humildade tenta ocultar os objetivos literários da publicação afirmando que a boa acolhida do público é por excessiva gentileza, pois bem sabia não poder encontrar nem literatura nem ciência em uma despreziosa revista feita por moços que vivem no trabalho e do trabalho.

Do ponto de vista editorial e programático, a Revista Phenix pode ser entendida como bem sucedido encontro de interesses entre a diretoria da Sociedade Phenix Caxeiral e destacado grupo de alunos da Escola de Comércio que vai se distanciando das características originais de mutualismo e beneficência, em busca de variados instrumentos de afirmação na sociedade, como vigorosa associação ativa, no meio educacional e de representação nos círculos literários. O quadro de matrícula e a frequência são exemplares para o alcance do projeto fenixta, o que anima a diretoria a acolher jovens de expressão artística e cultural ao mesmo tempo, empregados de balcão e de outros estabelecimentos comerciais e partícipes do projeto associativo.

Assim, a Revista é eficaz estratégia de difusão do saber, de demonstração no meio local do esforço dos jovens moços do comércio. Para concretização do programa, o grupo editor, já nos primeiros números, agradece ao apoio material da diretoria da Sociedade Phenix Caxeiral

E tivêmo-lo dignamente manifestado no parecer luminoso da comissão de finanças, aceito unanimemente pelo Conselho Administrativo da Phenix Caxeiral, o qual reconheceu o papel elevado da nossa Revista, adaptada perfeitamente á Escola de Comércio, votada unicamente ao alevantamento de uma classe benemérita pelas funções civilizadoras que exerce na sociedade. Demais a Phenix é um reflexo patente do nosso aproveitamento no caminho da luz dos conhecimentos, e, portanto, indispensável e inadiável, como o oxigênio ao crescimento dos seres vivos.

É o intuito de alargar a base de colaboração da Revista, com artigos assinados por figuras de maior relevo na vida sociocultural de Fortaleza. A primeira estratégia é buscar o decidido apoio dos professores, como tentativa de legitimação da Revista, o que parece surtir efeito, em vista da contribuição de Dolor Barreira e de outros professores da Escola de Comércio e do Liceu do Ceará.

Falta-nos somente, para a completa realização dos nossos ideais, o apoio incondicionado dos mestres que, com a percepção clara dos conhecimentos, nos devem guiar os passos trôpegos e vacilantes na estrada luminosa da perfeitabilidade relativa. Precisamos para o desdobramento natural das nossas idéias, do incentivo fecundo, do aplauso daqueles que são os luzeiros da nossa espiritualidade viçosa e variável. E muito valem as solicitações da mocidade desejosa de estender o círculo das impressões da natureza, gravando nas paginas da imprensa as sensações fulgantes do mundo exterior, porquanto um dos mais distintos professores da Phenix Caixeiral e incontestavelmente um dos mais conspícuos sabedores do nosso idioma no meio cearense, deu-nos a honra excelsa de manifestar em colunas da nossa Revista as radiações poderosas da sua erudição.

Esperamos, pois, que os demais professores da Escola venham em auxílio da nossa causa sacrossanta. Com as luzes de sua ciência experimental, a exemplo daquele distintíssimo docente.⁷

Dolor Barreira, conhecido pelo pendor literário e dotes oratórios, desde o Colégio São José e Liceu do Ceará, em 1911, como estudante da Faculdade de Direito, inicia nas letras e no magistério da Escola de Comércio da Phenix Caxeiral, com participação literária no periódico *A Constelação*, com Severino Macedo e Alberico Gomes Parente, e nas revistas *A Camélia*, *Phenix* e *Tertúlia*. A colaboração de Dolor Barreira, no projeto fenixta não é meramente episódica como a de outros, mas integrada nos objetivos da pedagogia fenixta, para melhoramento das letras e desenvolvimento intelectual dos jovens caixeiros. Jovem intelectual em formação, privou da amizade e do convívio literário com moços do comércio, a quem propunha não se deixarem aprisionar pelos ditames do patrão nem se reger apenas pela métrica do balcão.

Com efeito, entre incontáveis artigos laudatórios à ação da Sociedade Phenix Caixeiral, parece ser o texto de Dolor Barreira, publicado na Revista Phenix, em junho de 1913, o que melhor sintetiza

o pensamento do período acerca das principais questões abordadas neste artigo. Em louvor ao vigésimo segundo aniversário da grande e benemerita Sociedade, propõe reflexão sobre a luta das grandes antinomias do século: o bem e o mal, a virtude e o vício, o saber e a ignorância. A Phenix Caixeiral é lida em Dolor Barreira como a vitória soberana do saber ou abrigo e refúgio das mentes adiantadas.

“A Phenix Caxeiral é a prova mais palpitante da verdade dessa afirmação. Ela atesta eloqüentemente, mais uma das múltiplas derrotas incontáveis da ignorância e um dos triunfos vertiginosos do saber. Porque, com efeito, qual outra solícita Vestal, é uma das sentinelas d’esse fogo sagrado, que tem sido o final orientador das conquistas de todos os povos, e do progresso de todas as civilizações. Foi em 1891! Uma falange de moços bem intencionados lançou as bases de uma das sociedades mais robustas, mais ilustres e mais conceituadas que se tem estabelecido entre nós. Instalou-se a Phenix Caxeiral. A aurora do dia 24 de junho d’aquela ano, saudou, sorrindo, o seio cheio de flores e bençãos, um dos acontecimentos mais memoráveis da historia cearense. Hoje, cada phenixta assiste, n’um pulsar ardente de coração e n’um alvoroço incontido de espírito, recordando todo um mundo de trabalhos e recompensas correlativas, ao 22º aniversario da grande e benemerita sociedade.”

No argumento de Dolor Barreira, em recorrência à História como mestra da vida, a característica primacial das associações do gênero tem sido a difusão de valores baseados na vitalidade do saber e do progresso. Pensamento recolhido diretamente, com necessárias mediações, da ilustração positivista, quer-se afirmar o combate à chamada evolução negativa da ignorância. Dito de outro modo, é feito recurso às metáforas da luz, do progresso, da evolução e da redenção pela difusão do saber. É realce, ainda, na oração de Dolor Barreira, o modo como entende o papel da Sociedade Phenix Caixeiral que ao preparar moços para o comércio aparelha homens para a sociedade.

“A Phenix Caixeiral é uma nascente benfazeja de benefícios incalculáveis. Preparando moços para o comércio, aparelha homens para a sociedade. Dotando-os com ensinamentos indispensáveis á pratica da vida, forma-lhes os fundamentos seguros de futuras carreiras brilhantíssimas. Os caixeiros, hoje, graças a ela, já não estão, para sempre, condenados a ser os humildes instrumentos de um senhor, agrilhetados ás taboas bolorentas de um balcão. Soergue-os um ideal superior. Olham mais alto. De outros misteres mais honrosos e mais dignos podem fazer a sua profissão”.⁸

Chama a atenção a colaboração de Dolor Barreira na filosofia e com argumentos do campo da moral e da ética, sugerindo lições do que ele pensa como grandes males do tempo. São cinco artigos: *Tudo é Hipocrisia*, *Tudo é Vaidade*, *Tudo é Dinheiro*, *Tudo é Ambição*, *Tudo é Ignorância*, ao longo do ano de 1913. Todos a partir dos títulos, indicam recurso ao argumento moral e ao vocabulário filosófico em voga: discussão sobre convencionalismos, aparências, falsidades e mentiras; provisoriedade e imprevisibilidade do homem e da vida; o homem feito moeda, negação de sua humanidade, anti-humanismo, entre outros.

Literatura, doutrina, costumes e crítica social

A publicação, de pequeno formato, mantém as páginas, entre doze e vinte uma, a depender da matéria recolhida. Circula, sem interrupção, ao longo de cinco anos, entre fevereiro de 1912 a agosto de 1916.⁹

A Revista veicula artigos de fundo, em variadas secções, com: sonetos, poemas, contos, crônicas, necrológios, efemérides, notas e fatos do cotidiano, chegadas e partidas de fenixtas, autoridades e intelectuais, artigos filosóficos e urbanidade com apreciações sobre a vida cultural da cidade com destaque do teatro e cinema.

Nos cinco anos de publicação, com variado leque de assuntos/temas, o maior espaço da Revista é ocupado por literatura. Em outras edições, há predomínio de poemas e sonetos, especialmente, a partir do ano III.

Escapando à enxurrada de versos, os editores buscam a colaboração de nomes de expressão no meio literário de Fortaleza, com garantia de espaço aos novos para experimentação de suas criações, e aos estreantes, com que se garante o aumento de assinaturas e difusão da Revista. Entre os novos, de nomeada na boemia literária e práticas progressistas da cidade, destaca-se Gil Amora. Tendo participado de editoriais, em jornais satíricos, e trabalhando com o libertário Moacir Caminha na edição d'O Regenerador, órgão do Club Socialista Máximo Gorki (1908), Amora é presença nas páginas da Phenix. Sua prosa tem o tom satírico, o que se observara no jornal *Garoto* (1907), que se dizia crítico, desopilante,

à maneira de Rabelais e Molière, merecendo de Gustavo Barroso larga homenagem em *Consulado da China*. Encontra-se com os jovens fenixtas em tertúlias e cafés, e, em 1911, com Genuíno de Castro e João Catunda, diretores da *Revista Phenix*, funda o periódico *Ceará Revista*, com o pseudônimo Zé da Rua. Publica charges e caricaturas com talento para a pilhéria e crítica¹⁰. Nos textos, Amora, o espírito trocista, escreve o *Ceará Moleque*, com passagens de crítica de costumes, e sua palavra mordaz não foge à crítica social, à política e jocosidade, como no artigo *Cúmulos*.

(...) Cúmulo de devoção de um caloteiro: rezar pela alma dos cadáveres nas próprias contas de seu rosário de dívidas.

Cúmulo da bicharada: um bicho de colégio, matar o bicho, jogar no bicho, ter um bicho de pé, e acabar dizendo é o bicho.(...)

Cúmulo da inércia da polícia: deixar passar notas falsas em um concerto.

Cúmulo da paciência: aturar a leitura de um soneto de um poeta de água doce sem dormir... ou a conversa fiada e comprida de um bêbado sem dispara.

Cúmulo do descaramento: uma mulher tomar banho no riacho do padre.(...)

Cúmulo do Marechal Hermes: mandar cortar um Pinheiro a Machado.

Cúmulo do engrossamento político: dar ainda de presente ao Franco Rabelo uma bengala de Carnaúba.

(...)

Cúmulo da felicidade: ninguém se queimar na rua do fogo

Cúmulo da bondade de um genro: matar uma muriçoca com uma mão de pilão na testa da sogra ... xô veia!¹¹

Para enriquecimento do campo literário da Revista, incorporaram-se textos de autores estrangeiros, de Maupassant - *Por Uma Tarde de Primavera*, Giovanni Carducci - Versos, Daudet - *As Estrelas - Narração de um Pastor Provençal*, entre outros. As traduções são quase sempre de Pancrácio Junior.

A publicação desses autores demonstra o esforço da Revista no aproveitamento de leituras em voga e de idéias vindas da velha Europa e da América. Não se trata de mero recurso da imprensa do período, de cola e tesoura, mas demonstração do índice de leituras e conhecimento dos autores como na reminiscência de Antônio Furtado: "Oh! Esses tempos de Baturité onde a sombra verde dos cajueiros em flor, tantas vez reli Flaubert e reli D'Anunnzio e as páginas vibrantes e verdadeiras do divino Eça"².

Na secção *Critica Literária*, a Revista comenta e recomenda a leitura dos poetas Mario Linhares, Virgílio Brandão, Josias Goyanna, Ramos Neto, Álvaro Maia, G. de Castro e Maria Sampaio, quase sempre, obras de estréia. É a confirmação do programa de origem, arregimentador de uma plêiade de novos.

A Revista cresce na aceitação do público leitor e adquire prestígio entre letrados, com o aumento das colaborações que chegam à redação, submetendo-se à apreciação crítica dos trabalhos. Participam da comissão João Alencar Araripe, Lopes Filho e Genuíno de Castro. Para as colaborações, cria-se a curiosa secção Correspondência, depois Caixa da Revista, espécie de resposta aos colaboradores dos textos rejeitados, assinada com o sugestivo pseudónimo de Dr GAR-EL-HAMA, corruptela de gralha, como eram chamadas pelos revisores as imperfeições de forma e estilo do trabalho tipográfico. Na edição de novembro de 1912, não são poupadas de comentários sarcásticos as colaborações que segundo a Revista, destas espécies, só para o fogo. Alguns exemplos de respostas:

Ao V. B. – Seu soneto “Meus Versos” está metricamente correto; ser poeta, porém não é alinhar frases e contar sílabas, é um pouco mais do que isso. (...)

Ao M. A. N. – Seu soneto “Carpidos” é impublicável. Está aleijado nas quadras e quartetos.

Ao Silvio Floresta – Não se salva do naufrágio o seu soneto “Estrela D’Alva”. Quanto a métrica nada há a dizer; a idéia, porém, foi truncada, o sentido fica incompreensível, disparatado ao fim da leitura. Vê-se que lhe sobra paciência dos tratados de versificação e parece faltar-lhe o trato dos bons autores.

Ao Giz – Estamos aqui beatificados diante do perfil de que de sua amada fez, intitulado “Ela”. Juramos que ela não entendeu nada daquela algaravia. Vejam os leitores como o Sr. Giz descreve o nariz da perfilada (...) ¹³

Ao Eudauco Silva – Tem destas belezas o seu soneto “Fases da Vida”: a vida é a borboleta multicores / Lembrando mágoas, austeros dissabores. Mutilou a métrica e desrespeitou a austera madame gramática.

Ao Gil Feitosa – Seu “Sonho” chegou até cá em frouxos alexandrinos. De todos os metros é este o mais difícil de ser manejado (...) ¹⁴

Ao F.G.F. – O seu soneto “Depois de Vê-la” tem vários defeitos. Não pode ser publicado. Mande cousa melhor ...

Ao Ateu - Infelizmente a Phenix não pode dar agasalho ao seu trabalho “Problema da Vida”. Os versos estão frouxos e mau feitos (...)

Ao M. V.- Cumpre um coleção de medidas elásticas para a medição de seus versos. O tema é sublime; é pena a sua reconhecida inabilidade.

Ao X – Seu conto “Babilônia” está uma verdadeira babel. Vossa Excelência queira desculpar-nos a franqueza parem destes, nem com açúcar.¹⁵

Com o objetivo de mostrar o crescimento da circulação da Revista, recurso largamente utilizado na imprensa, repete-se na secção Publicações¹⁶ : um bom índice dos periódicos e livros recebidos pela redação da revista, demonstrativo do esforço de intercâmbio com publicações congêneres e de variado tipo, do Ceará e de outros Estados: São Paulo, Piauí, Maranhão, Acre, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais; Rio Grande do Sul. O índice revela semanários de interesses gerais, jornais noticiosos, revistas de alunos, também, folhas políticas como o Jornal *Folha do Acre*, *Folha Acreana* e *Alto Acre*, órgãos do Partido Construtor Acreano em Rio Branco e Xapuri. Chama a atenção do pesquisador o semanário *A Lanterna*, libelo anticlerical e anarquista, publicado em São Paulo, um dos mais significativos periódicos de extração libertária do período. Importante é a nota sobre o surgimento, em Fortaleza, de *Panóplia*, revista de letras e arte congregando “os melhores talentos e muito prometendo fazer pelo soerguimento do nosso acanhado meio intelectual”. São colaboradores nesse empreendimento editorial Beni Carvalho, Alf. Castro, Irineu Filho, Soares Bulcão, Antônio Sales, Soriano Albuquerque, F. Alves Lima.

Com efeito de memória ou até de reverência aos nomes de destaque da poesia cearense, da segunda metade do século XIX, a secção *Galeria de Poetas Cearenses* realiza um trabalho de evocação, desejando fixar, nos leitores, os nomes mais representativos, desde o meado do século XIX. Estão nessa galeria, Frederico Severo, Francisco de Paula Barros, Joaquim de Souza, João Ribeiro de Carvalho. Em recuperação dos poetas da geração de 1870, fixando largos traços biográficos, pequena mostra de sua produção com dupla finalidade: arrancarmos da sombra do olvido os poetas de merecimento que nela jaziam, como também para facilitarmos um estudo crítico comparativo entre o versejar daquele tempo e a poesia contemporânea. Esse registro da memória tem expressa inspiração biobibliográfica em Barão de Studart.

Para a pergunta inicial da pesquisa sobre leitores, é possível arriscar que a Revista deseja espaço além dos quartos acanhados dos moços do balcão. É possível que ela esteja na escrivania dos donos das casas comerciais, que são anunciantes, e nas salas-de-estar das residências dos

mais abastados. A secção de registros de aniversários e da vida mundana é *Jardim Social*, coluna social da época, com os acontecimentos sociais de destaque e datas natalícias. Os agraciados com as notas são as distintas senhoritas da boa sociedade, as virtuosas esposas dos homens ilustres e os ornamentos da sociedade, acadêmicos de Direito, professores do Instituto Normal de Guaramiranga, Comerciantes, Funcionários das Casas Bancárias, Guarda-livros de Firmas Exportadoras. Essa secção ganha maior espaço na Revista com o passar do tempo, de conteúdo laudatório às virtuosas e caritativas senhoras cristãs, aos ditos ilustres do grand monde fortalezense e de largos elogios aos ativos industriais, proprietários, capitalistas, diretores da Associação Comercial, nomes, segundo eles, de muita evidência no meio social.

Outras secções vão na mesma direção, como *Notas e Fatos*, *Aniversários*, *Notícias*, destacando quase sempre o cotidiano e os modos de vida da boa sociedade. Fica evidente a tática de alargamento do público leitor, no esforço de acentuar a distinção social da própria categoria. Os referentes são os homens de bem, as senhoras virtuosas e as senhoritas da boa sociedade, ressaltando, quase sempre, o sucesso na empreitada comercial, que sugere subliminarmente o modelo da desejada ascensão social dos caixeiros de balcão. É evidente que, quando os da classe figuram em *Jardim Social*, são sempre os que galgam postos de maior prestígio, como guarda-livros, gerentes ou supervisores de firmas estrangeiras e casas bancárias. Merecem largos espaços e elogios, nessas secções, os dirigentes da Sociedade Phenix Caixeiral e os figurões da política local, como se observa nesta nota:

A bordo do “Minas Gerais”, do Lloyd Brasileiro, chegou, no dia 11 deste mês, o nobre e talentoso deputado federal Dr. Gentil Falcão, atendendo ao apelo que lhe foi feito pelo povo que tão dignamente representa. O seu desembarque esteve concorridíssimo, o que prova, mais uma vez, o alto apreço e consideração em que é tido pelos homens de bem de sua terra. Ao ilustre parlamentar os nossos cumprimentos e o desejo, também, de que entre nós seja longa a sua estadia.¹⁷

Depreende-se que a saudação visa ao estabelecimento de boas relações, posto que depende de suas graças o aporte de verbas e orçamento para o regular funcionamento do Palacete da Phenix Caixeiral

e sustentação da Escola de Comércio, serviços de assistência médica e social e atividades sociorecreativas.

Qualificada como crônica mundana da boa sociedade, confere destaque à movimentação nos Clubes Sociais e aos modos de vida e comportamentos sociais, nas primeiras décadas do século XX. Ainda longa, esta citação se impõe pela diversidade de elementos:

Club dos Diários.

Realizou-se no dia 30 do corrente, nos luxuosos salões do Club dos Diários, uma encantadora festa de arte sob a direção do Dr. Alfredo de Castro.

Às 21 horas teve início o concerto em que tomaram parte as mais aclamadas virtuosas da nossa alta sociedade, deliciando a numerosa e seleta assistência com a perfeita execução dos números que lhes foram confiados.

Abriu o concerto a – Sinfonia 5 desse delicadíssimo e impecável artista – Haydn – executada maravilhosamente pelas senhoritas Esther Salgado e Esther Gondim.

O numero 2 foi confiado á senhorita Esther Gondim “La Nuit” de Rubinstein e um trecho de Pasiello acompanhado ao piano, cantado pela voz deliciosa e culta de Mlle Maria de Luna Freire.

O numero 3 constou de um solo de piano (Chopin 4º Estudo) magistralmente executado pela senhorita Esther Salgado.

De Wieniansky foi escolhido “Souvenir” para o numero 4, violino e piano, executado respectivamente pelas senhoritas Esther Gondim e Stella Barroso.

De Saint-Saens figurou no 5 e ultimo numero do programa a arrebatadora e movimentada “Polonaise” (op. 77) executada brilhantemente ao piano pelas senhoritas Esther Gondim e Stella Barroso.

O concerto de sábado foi um verdadeiro triúfno para o Club dos Diários, como para as nossas talentosas patrícias, que demonstram assim haver no Ceará privilegiadas vocações musicais e um aprimorado culto pela divina Arte.

O diretor da festa ofertou ás gentis musicistas lindos e mimosos ramalhetes de flores naturais. //Findo o concerto iniciaram-se as danças prolongadas até altas horas.

Ao Dr. Alfredo de Castro os nossos entusiástico parabéns pela maneira brilhante e triunfal com que soube realizar o festival sob a sua caprichosa direção”¹⁸.

Na minuciosa descrição da encantadora festa de arte, no clube dos Diários, em relevo o tratamento dispensado pela Revista aos modos de vida da alta sociedade reunida em círculos fechados e à seleta assistência. Ao piano, senhoritas virtuosos demonstram vocações musicais e deliciam a platéia que, supostamente, refina o gosto musical. Era a vida mundana se

transferindo das récitas dos salões privados para os Clubes Sociais, como prolongamento das casas de boa família.

Com tanto espaço dado às práticas e formas de sociabilidade das elites, a Revista não descuida de seu público preferencial e da condição de porta voz dos alunos da Escola de Comércio. Afirmando destinação de origem, observa-se em dado momento, a tentativa de reforçar as publicações como instrumento de leitura, na sala de aula, da secção permanente – *Questões da Linguagem* – a cuja existência e função justificam as frases, trechos cheio de erros gramaticais e estilísticos dos principais periódicos da cidade. A secção adota o tom pragmático relativo ao uso da língua: refuta os erros gramaticais localizados com base nos mestres da língua – escritores, literatos, filólogos – apresenta fórmulas do uso da norma culta.

Há o apoio de grandes nomes da língua, como João Ribeiro e Cândido de Figueiredo e a recorrência aos textos dos clássicos Camões, Eça de Queirós, Antero de Quental, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Feliciano de Castilho, Ferreira de Castro, Gil Vicente e Almeida Garrett.

É provável que os textos escritos sob o pseudônimo de Caturra Sênior sejam de autoria dos próprios professores de língua portuguesa da Escola de Comércio, pela proficiência do argumento e didatismo das lições. Os artigos recorrem a variados exemplos e apóiam-se largamente em Dicionários, Manuais de Filologia e publicações das academias de Lisboa e do Porto, além do uso de notas explicativas.

Secção complementar à *Questões de Linguagem é Philologia*, sob a responsabilidade de Francisco Gonçalves, colaborador da *Revista do Ceará*. Versando sobre estudos de português, traz excertos de Cândido de Figueiredo, Heráclito Graça, Rui Barbosa, Carneiro Ribeiro, e adota como uma das fontes a Revista Universal Lisbonense. Francisco Gonçalves foi é professor da Escola de Comércio por nove anos e mestre reconhecido pela valorização da idéia associativa.

José Augusto Lopes (Nolasco Barros) foi presença constante no primeiro ano da revista, com artigos que combinam elementos de doutrina jurídica, filosofia e literatura. Nos artigos, o argumento central é a questão secular do capital e do trabalho, tratada a partir do entendimento de que os trabalhadores são a máquina do mundo e a luta pela vida empreendida

pelo elemento do trabalho é fruto do quadro de miséria e fome gerado pelo capital. O artigo recolhe, do *Manifesto Comunista* a exortação de Karl Marx – proletário de todos os países, uni-vos! – como sendo o brado ameaçador e sublime que poderá tirar da apatia a alma vibrante das multidões. Para o articulista, Marx é o grande filósofo, o grande coletivista, que sintetiza as perturbações desta fase acidentada da vida do trabalho. É esta a argumentação de Nolasco Barros:

“(…) Por toda parte se nos patenteiam as graves perturbações do movimento dos braços, quiçá a maior potencia do nosso progresso material.

E a repercussão do brado ameaçador e sublime do maior de todos os coletivistas – Marx - cujo só enunciado abalou fundamentalmente os capitães, fazendo soerguer-se a alma vibrante das multidões: “proletários de todos os países do mundo – uni-vos!”

Sente-se, ao ler estas palavras do grande filósofo que é, porventura a síntese de uma imensa dor eterna e inacabável, como que o tiritar medroso da aproximação de uma catástrofe revolucionária.

É a questão secular do capital e do trabalho que leva os homens a erguerem este grito uníssono, em protesto solene e natural.

Aliás, apenas se manifesta neste movimento a luta pela vida em seu expoente máximo de união e de força.

Mas não falemos das conseqüências de tão alevantados protestos, não pesquisemos as necessidades e tormentos sofridos por estes pobres seres que são a máquina do mundo, e não têm, ainda nos melhores tempos, com que comprar a alimentação do dia seguinte...

Não desdobrems o quadro da miséria e da fome que representa esta fase acidentada da vida do trabalho; ao contrario, ocultemos as conseqüências de tal estado de coisas que muita vez não traz beneficio algum futuro, principalmente quando a anarquia destende as sua azas negras sobre metrópole da paz.¹⁹

Caminho idêntico ao de José Augusto Lopes, segue Estevam Mosca. O articulista causa surpresa ao pesquisador pelo uso recorrente do pensamento de autores de pouca difusão no Brasil, no período, como Max Stirner.²⁰

Reivindicação e crítica social

Em meio a farto material literário, pedagógico, de conteúdo próximo da filosofia, de breve noticiário, de notas sociais, de variedades e até de necrológio, a Revista dedica razoável espaço aos temas de conjuntura local, das dificuldades e vitórias dos caixeiros e passa a destacar as secas, à aproximação do ano de 1915. Nesse campo, sob etiqueta de material de cunho social, faz-se alguma crítica às elites políticas e econômicas. É quando a Revista diagnostica a educação pública e privada em Fortaleza, tecendo críticas à administração pela prática clientelista de nomeação das professoras, quase todas afilhadas venturosas, pondo em causa a honestidade do poder público face ao crescimento de colégios particulares e ao quadro desalentador da escola pública.

Em face das reivindicações dos caixeiros, a Revista se aproxima dos textos publicados na imprensa da categoria e alude, mais diretamente, à luta de décadas pelo fechamento de portas, descanso dominical e uso do “tempo livre” para cultivo dos bens do espírito.

Ante os antagonismos na relação Capital X Trabalho, a tônica é a moderação e o comedimento. As alusões aos temas da pobreza, da miséria, da mendicância, dos andrajosos da seca, são feitas ao abrigo de versos, de inúmeros sonetos. Aqui e ali, o articulista pontua determinadas questões relativas à usurpação de direitos sociais, à ganância dos patrões, ou mesmo, à fúria arrecadadora da máquina do Estado. No capítulo dos direitos do trabalho, a greve aparece em artigo de fundo qualificando o direito à greve como método coativo, defendendo seu conteúdo pacífico. Os artigos de fundo recorrem, quase sempre, aos discursos legitimadores da ordem e harmonia social e à norma jurídica do direito positivo, da filosofia e mesmo da literatura social de além mar.

Com inspiração na literatura social, os artigos e poemas de Gustavo Frota são neste ponto, demonstrativo das preocupações com as dificuldades socioeconômicas do Ceará e sua gente, na grande seca. Para o literato, o Ceará é a encarnação viva da terra do sofrimento, com a natureza em vermelho e cinza com rios e fontes secos, flores murchas e animais submetidos à dupla tortura da sede e da fome. Ao homem, parte

do quadro de fatalidade, resta-lhe o recurso secular do tristíssimo êxodo em busca de outras paragens.

Vários artigos refletem os efeitos da conjuntura da seca de 1915, como tema de literatura. Exemplo disso é a publicação, em duas páginas, com largo destaque, do longo poema de Gustavo Frota, *Agonia do Laranjal* ou paisagem da seca, com digressões sobre o caráter da raça cearense, sobre o cearense e a natureza. A seca é tempo do sofrimento, de penúria, de emigração, do morrer de fome, do desespero, do desejo de morte, das procissões de farrapos de trouxas à cabeça e crianças às costas, fugindo da morte para a Capital do Estado, resultado da natureza inclemente e da ação deletéria dos Governos.²¹

O flagelo da natureza, com larga repercussão social, é visto sob linguagem literária em forma de poesia da mocidade caixeiral que instala um Comitê Pró-Famintos, realizando sua benemerência no salão nobre da Sociedade, para arrecadação de fundos. A inauguração do comitê se dá com a conferência do padre Guilherme Vaessen. Com ingressos vendidos a 2\$000, a mocidade caixeiral acredita concretizar idéia caritativa e atender aos fins humanitários.

Com efeito, as conseqüências sociais da seca de 1915 chegam à Revista Phenix mudando o conteúdo dos versos. É a aproximação entre a Literatura e a crítica social. É Jayme Washington que retrata as cenas da seca em Maracanaú. Andrajosos e famintos, irmandade da fome, são transmutados em caravana da fome de passo vagaroso e destino (in)certo: a migração e o nunca mais voltar.²²

A Permanência

A sustentação da Revista depende do apoio material da Diretoria da Sociedade Phenix Caixeiral e sua Escola. Em várias edições, escrevem-se artigos elogiosos aos dirigentes, com retratos e também com palavras de gratidão pelo apoio material à Revista. Não há evidência de recolhimento de fundos para manutenção do periódico, bem como tentativa de busca de adesão do público leitor, mais especificamente, de estudantes e caixeiros, para continuação do trabalho da Revista. O caminho é ampliar

o número de assinantes que começa a minguar a partir do ano IV da publicação, pelo surgimento de outros órgãos literários. Acrescente-se que nessas iniciativas participam nomes do expediente da Revista Phenix, com enfraquecimento da coesão inicial em torno do projeto fenixta.

No ano de 1915, as dificuldades materiais da Revista são evidentes, com atraso da publicação condensando dois números em única edição, até mesmo com interrupção. Em conjuntura economicamente adversa, é de se supor a diminuição do aporte de recursos da Escola ao empreendimento editorial; as dificuldades do momento são expressas em expediente da revista com pedidos de pagamento aos assinantes da capital e do interior para quitação das dívidas, para boa ordem dos negócios da revista e ainda mais sendo importância tão insignificante. São veiculados anúncios de solicitação de agentes para o interior do Estado, na tentativa de angariar assinaturas. Diante das dificuldades, a Revista reproduz as seguintes medidas:

“Atendendo ás grandes despesas que fazemos, para a manutenção da Revista, e muito especialmente em vista dos elevados preços porque estão sendo atualmente adquiridos, os materiais, necessários, somos forçados a suspender a remessa das assinaturas, gratuitas, sem nenhuma exceção.

As pessoas que gozavam desse favor e que nos queriam prestar seu auxílio, podem desde já tomar novas assinaturas (5\$000 por ano) diretamente na Redação ou na Livraria Ribeiro.

A nossa tiragem atual, apesar de avultada, está calculada justamente para satisfazer ás assinaturas, permutas, bibliotecas”.²³

Outro mecanismo de sustentação, ampliação e difusão da revista se deprende neste anúncio:

“A apreciada Revista Literária precisa de Agentes residentes no interior do Estado, afim de angariarem assinaturas. Comissões vantajosas.

Peça hoje mesmo a agência exclusiva para a sua localidade. Cartas a Redação da Phenix, Caixa Postal 21 – Fortaleza.

Nesta capital tomam-se assinaturas na Livraria Ribeiro. Um número specimen, grátis, é remetido franco a quem requisitar. Contratam-se anúncios para a Revista, na Typ. Moderna, á Rua Barão do Rio Branco n° 89.

Os assinantes das localidades onde não tenha Agente poderão remeter a importância das assinaturas em selos do correio de 100 reis.

Todo Jornal ou Revista que reproduz este anúncio, ao menos duas vezes por

mês, receberá grátis e franco a nossa Revista, tendo direito ao mesmo espaço para um anúncio nas páginas da PHENIX²⁴.

Quais as razões por que não se realizam, com alguma freqüência, festivais de apoio ou outros eventos para aportes ao empreendimento editorial? É acertado perguntar-se, visto que, na imprensa do período e décadas seguintes, é vasto o noticiário da utilização do majestoso salão de festa do Palacete da Phenix, em eventos em Fortaleza. É de se supor que o grupo redatorial tinha adotado, por um lado, o caminho da representação da Escola de Comércio, recolhendo subvenção oficial, de outro lado, tido amparo no trabalho individual de diretores da Revista na incansável labuta de recolher assinaturas.

Os Anúncios e a Revista

Alguns anúncios tomam páginas inteiras, de tipo variado: fábrica de carimbos, representação comercial do Rio de Janeiro, *Sociedade Predial e de Pecúlios, A Fortaleza, - sociedade de benefícios mútuos, Sociedade de Auxílio Mútuo - Auxiliadora do Recife, A Norte Americana - sociedade mútua por pecúlios, A Indiana - sociedade mutual de pecúlios, A Amparadora - sociedade mutual de Curitiba, A Solidarística - sociedade de pecúlios.*

É hábito das publicações do período as farmácias e drogarias anunciarem o *Elixir de Nogueira* do farmacêutico e químico João Silva Silveira, a *Pomada Sant-Placa*; Remédios de cura das sífilis, do reumatismo e de ação tão eficaz que simula milagre. Em 1915, a página traz anúncios ilustrados, em forma de pequenas cartas do interior do estado, apregoando o poder de cura dos magníficos preparados e milagrosos unguentos.

O sabão líquido *Thymolino* é anunciado como verdadeira maravilha, com fins variados: dermatoses, queimaduras e brotoejas, não pode faltar no toucador das damas elegantes, limpa admiravelmente a cabeça e destrói a caspa, é o mais econômico e o mais higiênico para o barbear, não encontra outro similar para banhos gerais ou parciais das crianças e basta uma ou duas gotas para o melhor dentifrícios. É assim anunciado o *Fervedor Relâmpago*: um litro e meio de água fervida, por

um minuto, e duas colheres de álcool garantem economia de tempo e dinheiro.

Produtos alimentares em reclamos, por exemplo, o Leite Condensado – marca *Águia*, têm exaltadas as qualidades nutritivas, atestadas pela inspetoria de higiene do Estado. São muitos os espaços para anúncios de representação comercial e de pequenos negócios dos próprios articulistas da revista.

A Revista Phenix, ao longo de cinco anos, não faz campanha de auto-sustentação escapando, assim, à possibilidade de constituir meio de agregação da categoria. Também não há critério de definição do tipo de anúncio de produto ou serviço consoante as características do público alvo – a classe estudantil e caixeiros. Vê-se que os anúncios vão desde máquinas agrícolas (*Maniquinismos Búfalos para agricultura e indústria*), formicidas, medicamentos e fórmulas milagrosas, companhias de pecúlio até o de Talismãs que garantem a saúde, a fortuna e a felicidade.

Observe-se desta leitura que, não obstante ausência de anúncios diretamente ligados à autodeclarada natureza da Revista – educacional, instrutiva e literária – isso é compensado com as tentativas de intercâmbio sugerindo ao leitor ampliação de horizontes da Revista assim como revelando bons índices de leitura.

O Intercâmbio e Circulação das Idéias

Na secção *Publicações*, o grupo redator da Revista divulga, entre os leitores, razoável correspondência com outros Estados, com dupla finalidade: demonstrar atualização no tratamento dos temas e sugerir sua inserção no periodismo de outras regiões do país.

Esse intercâmbio parece ter sido mais regular com a imprensa do Norte do país, em especial, com as cidades de Belém e Manaus. Isso é explicável pela presença de cearenses à frente de órgãos da imprensa diária nesses Estados, de onde se recebem e se transcrevem comentários em termos encomiásticos à plêiade dos novos e esperançosos cultores da Musa na capital cearense. Isso não sugere que o intercâmbio seja restrito

a essa região, posto que o meio literário do Rio de Janeiro continua sendo modelo e inspiração maior do período, bem assim as influências do meio intelectual do Recife, para aonde estudantes se deslocam para complementação dos estudos. De Portugal a literatura se difunde via professores de língua portuguesa, Francisco Gonçalves, Henrique Autran e tantos outros recomendando leituras de Eça, Garrett, Herculano, Camilo, Camões...

Além de periódicos e revistas, os Anuários e Almanques participam de intercâmbios culturais, de instrutivas leituras. É um material utilizado na composição de artigos de fundo.

Outra faceta do intercâmbio é extrapolar os periódicos para apoiar iniciativas em outras regiões do país, em agremiação literária ou com a fundação de outros grêmios para prestação de "inestimáveis e colossais benefícios ao Ceará", como na recém-fundada *Renascença do Ceará*²⁵ criada antes em Manaus (AM) no ano de 1915.

Para inauguração dessa Sociedade, comparecem delegações do Acre²⁶ e de outros Estados da Federação. Propõe-se a busca de recursos do governo da União, do Estado do Ceará e dos municípios com a finalidade de desenvolver programas de busca de soluções para as secas.

Destaque-se o esforço dos que fazem a Revista Phenix, no sentido de sua continuidade por largo período. Retificações de rumo editorial, valorização de intercâmbio, agregação de temas da conjuntura local e do cenário internacional são evidências desse esforço individual e coletivo. Some-se a isso o recurso à memória, com o fim de atualizar leitores quanto ao programa original e dizer das exigências intelectuais de sua continuidade.

Aniversário da Revista

Os discursos de autocelebração, quase sempre, se fazem nos aniversários da Sociedade, dos fundadores e da própria Revista. Após um ano de circulação, em editorial, apresenta-se o balanço das atividades e de recuperação do seu sentido original.

Sob o sugestivo título *Primeiro Vôo*, alusão à sua alegoria da ave que simboliza a Phênix, os jovens estudantes/redatores da Revista concluem com o relativo sucesso do empreendimento e apresentam a contra-face do meio tosco, acanhado e refratário às investidas que supõem inovadoras:

“Já é muito uma revista viver um ano nesse meio, em que se tem ojeriza a tudo que ameaça se libertar do estreito recinto de enfezadas restrições, onde as energias gemem oprimidas sob o peso do indiferentismo e do descaso que se vota, já não menciono as letras, mas a tudo que represente um esforço, que parta de um principio altruístico e nobre”.

O artigo comemorativo de um ano é documento de qualidade, posto que há esforço de atualização dos objetivos da Revista bem como definição clara do programa para o ano II. Tem tonalidade do discurso religioso e o sentido de sua missão: o evangelho da instrução e a causa santa de seu apostolado pela palavra.

“Há um ano dissemos isto; há um ano, robustecidos pela fé de nossos princípios e convicções, retemperados no fragor continuo das lutas que se nos apresentam em todas as manifestações múltiplas da vida, que anunciamos o aparecimento modesto desta Revista.

E não fora o seu intuito tão nobre, quão grandioso, não tivesse sido inspirada na fonte dos mais sublimes sentimentos – o do amor e o da dedicação – certo, no percurso de sua trajetória, a visão da luz se lhe havia de fugir da vista, e os horizontes, tão amplos, haviam de se estreitarem, esmagando a de encontro. Mas, o evangelho que ella pregava, a causa que defendia eram por demais santos, por demais nobres para serem, assim, arrebatados de chofre pelos ímpetos inconscientes do destino – era a causa do caixeiro – era o evangelho da instrução. Não foi de nós que nasceu essa empresa, surgiu essa força, rebentou esse entusiasmo. Tudo isso estava concentrado na natureza de sua própria missão. E, com mensageira tão audaz, com guerreira de tão poderosas armas, era infalível a Victoria, mesmo nos mais acidentados planos das conquistas... No momento não podíamos oferecer mais do que fizemos em prol do ensino escolar, já nos batendo por este ou aquele sistema, já nos portando com mais zelo e interesse no decurso das aulas, distribuindo méritos a uns, despertando o interesse, ao aproveitamento em outros, trabalhando enfim, pelo interesse do caixeiro em comum, devido a nossa fase de iniciação.

Pretendemos, agora, que vamos compreendendo e sentindo os motivos a que certas necessidades se prendem, darmos a essa revista uma feição mais pura, mais caracteristicamente escolar.

No entanto, julgamo-nos satisfeitos. É o consolo, a resignação que vêm da lide dos que trabalham, que nada colheram, mas que guardam o fruto, embora acre, dos úteis ensinamentos”.²⁷

Ao fim do primeiro ano de atividades, os editores da Revista buscam recolher o elogio de conhecidas figuras públicas da cidade, como é o caso da escritora e professora Alba Valdez²⁸, conhecida por sua participação nas Campanhas e Ligas contra o Analfabetismo. É estratégia de autocelebração e legitimação da Revista em seu meio

“Talentosos Confrades da Phenix

Não resisto ao desejo de apresentar-lhes meus distintos cumprimentos pelo aperfeiçoamento progressivo de sua revista, que incontestavelmente honra o meio literário cearense.

Isto aqui, todos nós o sabemos, não é a terra da Promissão dos que se devotam ás causas do Espírito. E tendo uma publicação como a Phenix atinge um certo numero de edições, cisma a gente, mesmo sem o deter, na tempera de aço que distingue esse grupo de rapazes que, assim, fazem jus á nossa estima e admiração”.²⁹

Na comemoração do segundo ano de publicação, a Revista reforça sua diretriz original e saúda João Alencar Araripe, formulador do lema “Nada de partidarismo que subverte a razão, fomenta a parcialidade que desvirtua os princípios de sã moral, base do engrandecimento dos povos.” Com discurso marcado pelas idéias força da educação pelo dever, moral alevantada, conclama os jovens do comércio ao apoio da Revista para elevação do nível intelectual. O discurso é também pontuado pela evocação mítica da Terra da Luz.

A Phenix na sua singeleza, sem pretensões que mereçam censura, vai preenchendo os fins para que foi criada. Tem posto as suas paginas a disposição da mocidade estudiosa da Phenix Caixeiral. Incita-a deste modo a prosseguir no cultivo das letras, exercitando-se no manejo da palavra escrita. Os moços precisam hoje, mais do que nunca, preparar-se em combates fortes e decididos, como os austeros cavalheiros da idade média, para pugnarem pelo soerguimento dos costumes e do nível intelectual deste berço de tantos heroes, outrora cognominado Terra da Luz”.³⁰

Pelo quarto ano de publicação, a Revista se autoproclama despreziosa e portadora do “melhor de um ideal que se eleva acima

de todas as decepções; a perseverança de uma vontade tenaz. Firme e inquebrantável. Que sobrevive e vence todos os obstáculos que se lhe erguem na rota luminosa que o destino lhe traçou.” Sua continuidade no tempo é mais pela capacidade de ter “sabido resistir e impor-se num meio onde tudo é transitório e passageiro.” Este artigo apresenta breve história dos quatro anos da Revista, destacando vicissitudes notadamente, de ordem financeira e de organização. Chama atenção para dissensões que enfraqueceram o grupo editor. Assim, a sustentação do periódico se deve principalmente à subvenção oficial e ao apoio material da Escola e da Sociedade.

“Eis pois a breve história da “Phenix” que hoje, no dia do seu quarto aniversário, oferece, reverente, em troca dos favores recebidos, o penhor de sua alta e imorredora gratidão á “Phenix Caixeiral” na pessoa do seu ilustre e digníssimo presidente Coronel Joaquim Magalhães, aos seus conselheiros Municipais de Fortaleza e notadamente ao exmo. Sr. Coronel João Baptista Lopes, a todos os seus assinantes, e á imprensa, que alguma vez tem-se dignado conceder-lhe benevotos elogios.³¹

A estratégia de recuperar, a cada aniversário da Revista, agenda de fundação, é tentativa de operação de memória em dupla dimensão: evocação e celebração, com o fim de tecer o sentido de continuidade no tempo e de busca de legitimação da revista. No uso da memória, recorre-se a certas caracterizações míticas ou até a estereótipos, para perpetuar supostas singularidades de uma identidade cearense e do pioneirismo em variados campos.

Justifica-se, pois a recorrência à formulação mítica da terra da luz, do passado glorioso, dos valores cearenses, no esforço de ressurreição e atualização do passado para as lutas presentes. Nessa linha, é exemplar a formulação de Gustavo Frota:

“Foram teus filhos os conquistadores audaciosos do Acre, desses cem e noventa e um mil kilometros quadrados de fertilíssimo território que alargaram as nossas fronteiras, e de onde o Tesouro Nacional tem haurido sumas fabulosas, importantíssimas... Foram teus filhos os primeiros libertadores de escravos... são teus filhos Alberto Nepomuceno – o primeiro músico, Clovis – o primeiro jurista, Farias Brito – o primeiro filosofo... nas letras tem uma legião sublimíssima de glórias: Alencar, o maior romancista da língua.

Araripe, o mais judicioso dos críticos, Franklin Távora o mais rejionalista dos escritores... foram teus filhos milhares de combatentes que andaram a verter o sangue preciosíssimo de suas veias e a imolar a valorosidade imensa de suas vidas nas conquistas da Pátria... filhos teus, são, hoje, descendentes desses heróis, nascidos debaixo do mesmo céu, esses bandos de maltrapilhos tristes e famintos, reduzidos á condição de parias, a esmolar de porta em porta a caridade, a côdea de pão para salvar os filhos que tiritam de frio e de fome, ao desabrigo, sem teto, sem leito, sem um farrapo de estopa para cobrirem carnes regeladas.”³²

Se a autocelebração e a memória importam como recursos de legitimação, outro efeito simbólico de não menos significado é a tentativa de caracterização do contexto culturalmente propício à produção e difusão dos instrumentos que configuram o sentido de modernidade.

“Pelo alevantamento moral da mocidade”.

“Houve, entre nós, nestes últimos anos, um desusado movimento criador de associações de toda casta.

Deu-se, por assim dizer, uma inovação nos costumes dos nossos conterrâneos, inovação que, é de bom grado o registramos – veio trazer-lhes um proveitoso contingente de forças para as lutas sociais.”

A criação da *Revista Phenix* não é fato isolado, tampouco deve ser restrita à representação e distinção social de uma categoria. Produto e visão de um tempo, os redatores tentam se inscrever neste panorama por eles qualificado como de efervescência literária e propício à expressão artística. Da citação acima, tenha-se a leitura particular de construção dos signs da modernidade, ao articularem a idéia de movimento associativo de toda casta à inovação nos costumes e modos de vida, para eles ainda as motivações sociais mais consistentes e aglutinação de forças e idéias, inclusive para as lutas sociais.

Este depoimento de Carlos Pinho, um dos redatores e principal orador da Sociedade Phenix Caixeiral, no conteúdo memorialístico é rico de impressões e juízos de valor acerca da função dos Grêmios Literários e dos Grêmios Artísticos como propulsores do exigido engrandecimento intelectual do Ceará. O entendimento de grêmio artístico é sensivelmente

reductor da idéia de confraternização operária. Com isso não se infira desvalorização da idéia e programa associativos, em formação, pelos artistas, operários, tipógrafos, trabalhadores da estrada de ferro de Baturité, entre outros. A análise redutora decorre de certo privilegiamento da instrução, educação e engrandecimento intelectual como as idéias-força desse movimento associativo. A seguir o entendimento é aqui claramente firmado em relação à dupla missão da Sociedade Phenix Caxeiral: "Da atualidade de tais associações estava aí para lhes dar o testemunho mais frisante a Phenix Caixeiral, sociedade que, sobre ser um núcleo de defesa aos mais lúdimos interesses do caixeiro, fora e é ainda um grande e forte propulsor da instrução em nosso meio."

Do ponto de vista da memória, Carlos Pinho remonta à criação da Padaria Espiritual como exemplo eficaz para as gerações seguintes. De sua memória, ressalta o papel significativo do *Grêmio Literário José de Alencar, a Arcádia dos Quinze e a Tertúlia Clovis Beviláqua*. Para ele, a efemeridade dessas agremiações literárias não desmerece sua significação, busca fazer aproximações no tempo:

"E são sempre assim, transitórias e instáveis, mal grado o talento comprovado dos seus fundadores, moços que, na sua totalidade, se mostram, em gestos e palavras, denodados e leais campões da cultura intelectual.

Restam, presentemente, com expressivo sinal desse movimento evolutivo, a Padaria Literária e o Grêmio Araripe Junior, duas sociedades instituídas por um punhado de jovens cheios de ardor e de muita vontade".³³

Com a valorização das agremiações literárias, os redatores da Revista Phenix buscam exemplos nas associações congêneres de outros Estados, em particular, do Rio de Janeiro, tendo-as como obra mais justa e oportuna por que tonificante pela literatura. Na edição de julho de 1915, veicula notícia extraída do Jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, acerca da criação da *Associação Literária A Colméia*, à frente Alcindo Guanabara e Coelho Neto. Para eles a criação d'*A Colméia* é motivo de júbilo pois destinada a divulgar as lendas, usos, costumes e tipos nacionais, vulgarizando, ao mesmo tempo, entre a mocidade, as obras de nossos poetas, críticos e romancistas. Para os redatores da Phenix, *A Colméia* merece alcançar os mais brilhantes triunfos e existência muito fecunda em benefícios de grande utilidade para o Brasil.³⁴

Para o ano de 1916, o discurso das agremiações literárias faz a breve memória do *Centro Calliope*³⁵, como sendo nos últimos tempos. “a agremiação literária de mais vulto do Ceará”, seguida da tentativa efêmera do *Inferno Literário*³⁶, com revista *A Fornalha*. No mesmo passo, é realçado o papel da *Cruzada dos Novos* pois:

“Fundada principalmente pelos esforços e pela vigorosa iniciativa do adorável poeta do “Florões”, esse delicado artista que é Mario Linhares, em comunhão com os espíritos de Genuíno de Castro, Gustavo Frota e outros esperançosos intelectuais cearenses: tal associação era a Cruzado dos Novos que neste momento um grupo de beletristas patrícios tenciona fazer voltar aos seus dias de gloriosa atividade.”

O caráter efêmero dessas iniciativas, confere-o o deslocamento dos organizadores para outras regiões do país, quase sempre movidos pela necessidade de conclusão de estudos, ou mesmo, pela sedução da grande cidade como centro mais adiantado, também no campo das idéias, onde podem alçar vô significativo nesta *República das Letras*. Tem-se, no ano de 1916, a tentativa de reorganização da *Cruzada dos Novos*, nomeação indicativa da permanência, no tempo, do espírito cruzadista em direção à gloriosa atividade para o engrandecimento das letras pátrias. Com programa difuso, a *Cruzada* é, como tantas outras, tentativa de afirmação no meio social. Vejam-se também as marcas do espírito beletrista e de algum mimetismo de outras agremiações do gênero. No Passeio Público ou no Parque da Liberdade, os cruzados difundem suas criações para um público restrito, com a presença da imprensa. São divulgados sonetos e crônicas nas páginas dos periódicos, depois organizados em pequenos volumes de estréia literária: aspiração maior de quase todos.

“A Cruzada dos Novos”, que se trata de reorganizar atualmente, inicia-se sob os melhoramentos auspícios, e o seu futuro parece-nos dos mais promissores.

Quanto a programa, nada podemos adiantar, porém sabemos que realizará pelo menos uma sessão mensal, num dos nossos clubs, no nosso Teatro ou n’algun dos nossos logradouros, com preferência no Passeio ou no Parque da Liberdade; essas sessões terão apenas a assistência dos sócios e dos representantes da imprensa local, havendo sempre um copioso lunch ou um seven ó clock tea, fazendo-se, além disso, musica sempre que for possível.”

A importância das Agremiações Literárias é indiscutível para o grupo editor da Revista Phenix. Ainda que não seja matéria deste artigo é preciso que se faça observação a esse respeito para futuros estudos da educação no mundo do trabalho.³⁸ Chama-se atenção para os experimentos literários dos caixeiros, significativos de sua construção identitária e expressão como categoria social. Ou seja as pesquisas em História Social avançam neste, como em outros campos, ao ampliarem sua abordagem, sem separar os conteúdos da reivindicação e da luta social dos conteúdos de expressão marcadamente literária, instrutiva ou educacional. O que se quer sugerir é a possibilidade de articulação entre os dois campos como expressão multifacetada do fazer-se da classe.

¹ Há alterações na redação em agosto de 1912 na Revista de número VI, assumindo como diretor e diretor-adjunto Francisco Queiros e José Carvalho. No mês seguinte são substituídos por Francisco Souto e Antônio Oliveira. Em setembro de 1913, o número XVI informa a seguinte composição da redação: Carlos Pinho, Daniel Augusto Lopes, Dario Pessoa, Estevam Mosca, Francisco Menezes Mattos, G. de Castro, Gustavo Frota, Manoel Alves, R. Paula Vianna, Wulmar Borges. É, também, aposta a informação que a publicação mensal conta com os auspícios da Phenix Caixeiral e o nome do seu principal fundador J. A. Lopes Filho

² idem.

³ Revista Phenix Ano V, n°. XXXIX – XL Jan. fev. 1916 p. 1 a 3.

⁴ Gustavo Frota (Minotauro); Josia Goyanna, Nolasco de Barros, Ramos Netto; Júlio Rodrigues, Junqueira Guarany; Cyrillino Pimenta, Bastos Portela, Daniel Augusto Lopes, Antonio Furtado (Paulo Treva), Caturra Sênior (pseudônimo); Telles de Souza; Álvaro Maia; Gil Amora; Zerbino Bouquet (pseudônimo), Epiphany Leite; Nestor Freire; Francisco Gonçalves; Vicente Bonfim; Pancrácio Junior (P. Juniro), Cezar de Moraes Fontenelle, José da Silva Medeiros; Alberto Sá; Virgílio Brandão, Múcio Mácer (pseudônimo); Gentil Falcão, Alves de Oliveira, Thompson Soares Bulcão, Andrade Furtado; Carlos Pinho; Tiburciano (pseudônimo), J. Paula Vianna, Alfredo Barros, Araújo e Silva, Carlos Severo, Dolor Barreira, Climério Freire, Estevan Mosca, Octacilio Azevedo; Mario Linhares, Leão de Vasconcelos, Clóvis Monteiro, Leandro Lyra, Rozendo Ribeiro, Irineu Filho, Garcia Guedes, Carlyle Martins, Targino Filho, Ulisses Castelo Branco, Luiz de Castro, Mozar Catunda Gondim, Cristiano Cartaxo, Cruz Filho, Herman Lima, Antônio Drumond. Maria Sampaio (professora em São Gonçalo, dada pela revista como talentosa e inspirada poetisa) e Alba Valdez.

- ⁵ BARREIRA, Dolor. História da Literatura Cearense. v. 3. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1951. p. 209.
- ⁶ Revista Phenix No. 3, Ano I, maio de 1912 – pag. 2
- ⁷ Revista Phenix Ano I, No. 4, junho de 1912. p..2
- ⁸ Revista Phenix. Ano II, No. 15 junho de 1913. p. 4
- ⁹ A coleção completa da Revista Phenix está assim distribuída: Ano I fevereiro de 1912 a fevereiro de 1913 (No. I ao No. XII); Ano II de março de 1913 a dezembro de 1913 (Nº. XIII a XIX); Ano III de janeiro/fevereiro de 1914 a junho de 1914 (No. XX/XXI a No. XXV); Ano IV outubro de 1915 a janeiro/fevereiro de 1916 (No. XXVI a XXIX/XL) Ano V março de 1916 a agosto de 1916 (No. XLI a XLVI)
- ¹⁰ GIRÃO, Raimundo. Dicionário da literatura cearense. Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1987.
- ¹¹ Revista Phenix. Ano III, No. 23, abril de 1914. p. 8
- ¹² Revista Phenix . Ano I, No. 7, setembro de 1912. p. 4.
- ¹³ Revista Phenix. Ano I, No. 9, novembro de 1912, p. 10 e 11
- ¹⁴ Revista Phenix. Ano I, No. 10, dezembro de 1912, p. 10.
- ¹⁵ Revista Phenix. Ano III, No. 24, maio de 1914, p. 14
- ¹⁶ Revista Phenix. Ano III, No. 17, outubro de 1913. p. 11.
- ¹⁷ Revista Phenix. Ano II, No. 14, abril / maio de 1913. p. 12
- ¹⁸ Revista Phenix. Ano III, No. XXIV, maio, 1914. p. 14.
- ¹⁹ Revista Phenix. Ano I, No. 2, Março de 1912. p. 3
- ²⁰ Max Stirner (1806-1856) é autor da obra O único e sua propriedade. Embora autor de uma única obra, adquire larga notoriedade, pelo conteúdo polêmico em relação à idéia de que o homem é o único e não redutível à dimensão coletiva; ou eu é erigido em valor supremo. Dele é a crítica em relação ao humanismo de Feuerbach. É de realce a polémica com Marx e Engels que, em a Ideologia alemã, formulam crítica substantiva no capítulo São Max. Em fins do século XIX é apropriado pelo poeta anarquista Jhon Henry Mackay na linha do anarquismo individualista, em oposição ao anarquismo comunista.
- ²¹ Revista Phenix. Ano IV, No. XXXIII, julho de 1915. p. 4 e 5.
- ²² Revista Phenix. Ano IV, No. XXXIV, agosto de 1915. p. 5.
- ²³ Revista Phenix. Ano IV. No. XXIX e XXX, março / abril 1915. p. 19
- ²⁴ Revista Phenix. Ano IV, No. XXIX e XXX março e abril 1915. p. 3.
- ²⁵ A Sociedade Renascença do Ceará tem sua diretoria assim composta: Monsenhor Antero José de Lima, Presidente – Desembargador Luiz Furtado de Oliveira Cabral – Dr. José Antonio de Figueiredo Rodrigues – Dr. Virgílio Barbosa Lima – Secretario, Virgílio Xavier de Sousa – Tesoureiro, Luiz Lima. O quadro de conselheiros é o seguinte: Isaac Amaral - Cesar Silva – Angelino Bevilaqua – Henrique Taborda de Miranda –

Francisco Solerno Moreira – Gastão de Castro – Antonio Bezerra – Luiz Ribeiro da Costa – Alfredo do Carmo Chaves. Revista Phenix Ano IV, No. 35, setembro de 1915. p. 13 e 14

²⁶ No interior do Amazonas foram delegados da Renascença: em Codajás o coronel Joaquim de Barros Alencar e o coronel Manoel Antonio Corrêa Lima; em Coari o coronel Lucas Pinheiro; e no território do Acre: em Xapuri, os drs. Bruno Barbosa e Paulo Soares de Moraes; em Senna Madureira os srs. Godofredo Maciel e Raul Uchoa; em Cruzeiro do Sul o dr. Bezerra Filho. Idem

²⁷ Revista Phenix Ano I, No. 12 - fevereiro 1913. pag. 1

²⁸ Alba Vadez é o pseudônimo usado por Maria Rodrigues (1874-1962), professora, escritora, contista e jornalista. Participou do Centro Literário, da Boemia Literária e da Iracema Literária. Sócia do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras e da Sociedade Cearense de Geografia e História. Notabilizou-se também pela participação nas diversas ligas e campanhas contra o analfabetismo.

²⁹ Revista Phenix. Ano I, No. 14, Agosto 1913, p. 7..

³⁰ Revista Phenix, Ano II, No. 20-21 – Jan. Fev. 1914 –p. 23

³¹ Revista Phenix. Ano V, No. XXXIX – XL Jan. fev. 1916 p. 1 a 3

³² Revista Phenix. Ano No.

³³ Revista Phenix. Ano III, No. 20-21, janeiro e fevereiro de 1914. p. 24

³⁴ Revista Phenix. Ano IV, No. 33, julho de 1915. p. 6

³⁵ Segundo a Revista Phenix, pertenceram ao Centro Calliope Gustavo Barroso, o festejado João do Norte, da “Terra do Sol”, Mario Linhares, adorável poeta do “Florões”, Gustavo Frota e G. de Castro, atuarem diretores da Revista “Phenix”. Liberato Nogueira, poeta de merecimento que com muito brilho desempenhava o cargo de presidente do centro; Junqueira Guarany, bela organização de poeta, Moreira de Azevedo, que como Gustavo Frota então se estreou nas letras e muitíssimos outros. Revista Phenix. Ano V, No. XLI, março de 1916. p. 8

³⁶ Do Inferno Literário, e de sua A Fornalha, participam treze sócios e publicando uma revista de 13 paginas, pertenceram entre outros Estevam Mosca, Martins de Aguiar, Carvalho Junior, Gustavo Frota, Genuíno de Castro, entre outros. Idem

³⁷ Em sua formação original, a primeira diretoria da Cruzada era composta por Mario Linhares, Genuíno de Castro, Gustavo Frota, Luiz Gondim, H. Araripe, e a Revista Phenix supõem também as participações de supomos também por Luis de Castro, o revoltado poeta do “Chaos” e Octavio Memória. Idem

³⁸ Sobre esta temática, assim como para as leituras no mundo do trabalho ver GONÇALVES, Adelaide. O Anarquismo em Língua Portuguesa. São Paulo: Imaginário, 2000.